

Comunidade que Sustenta a Agricultura: um outro olhar para a agricultura

Community Supported Agriculture: another look at agriculture

Andreia Tonini^{1*}; Geraldo Marcio Alves dos Santos²

¹Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, andreia.tonini@hotmail.com. ²Doutor em Educação pela Universidade Federal Fluminense, Docente na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, gemarcio2000@yahoo.com.br. *Autor correspondente.

ARTIGO

Recebido: 16-08-2023

Aprovado: 28-12-2023

Palavras-chave:

Produção agroecológica
Circuitos curtos de
comercialização
Solidariedade.

RESUMO

A Comunidade que Sustenta a Agricultura (CSA) é um movimento global que reúne consumidores e agricultores em torno de um mesmo ideal: oferecer uma nova forma de economia, numa atuação conjunta para a produção e comercialização de alimentos. Assim, para melhor conhecer esse movimento, propomos como objetivo investigar o trabalho realizado pela CSA Nossa Horta, uma associação sem fins lucrativos localizada na cidade de Belo Horizonte (Minas Gerais), que contribui para potencializar a construção de uma rede diferenciada de produção e comercialização de alimentos, bem como analisar as relações nela estabelecidas. Para tanto, optamos pela pesquisa qualitativa como orientação metodológica, utilizando a entrevista semiestruturada e a observação participante. Os resultados evidenciaram que a CSA Nossa Horta, além de apoiar a produção agroecológica e os circuitos curtos de comercialização, busca maior envolvimento de seus membros na sua gestão, além de incentivar e fortalecer as relações de proximidade e solidariedade entre quem produz e quem consome, desenvolvendo um outro olhar para a agricultura.

ABSTRACT

The Community Supported Agriculture (CSA) is a global movement that brings together consumers and farmers around the same ideal: to offer a new form of economy, in a joint action for the production and marketing of food. Thus, to better understand this movement, we propose to investigate the work done by CSA Nossa Horta, an association located in the city of Belo Horizonte (Minas Gerais), which contributes to the construction of a differentiated network for the production and commercialization of food, as well as to analyze the relationships established therein. For this, we opted for qualitative research as a methodological approach, using semi-structured interviews and participant observation. The results showed that CSA Nossa Horta, besides supporting agroecological production and short marketing circuits, seeks greater involvement of its members in its management, besides encouraging and strengthening the relationships of proximity and solidarity between those who produce and those who consume, developing another look for agriculture.

Key words:

Agroecological
production
Short commercialization
circuits
Solidarity

INTRODUÇÃO

A Comunidade que Sustenta a Agricultura (CSA) – termo traduzido do original em inglês Community Supported Agriculture – representa um movimento global definido por Hitchman (2015) como um modelo econômico alternativo de produção de alimentos, de base local. Neste movimento, os consumidores se comprometem a apoiar uma ou mais propriedades agrícolas locais e a compartilhar riscos e benefícios da produção de alimentos. Em vista disso, Hitchman (2015) e Darolt (2012) acreditam que este movimento configura um dos melhores exemplos de sucesso de um sistema alternativo de distribuição de alimentos, proporcionando renda real para os produtores e alimentos saudáveis a preços acessíveis para os consumidores.

Darolt (2012), Neves (2017) e Melo et al. (2020) explicam que o modelo CSA se desenvolve quando um grupo de pessoas tem interesse em apoiar financeiramente um ou vários agricultores locais. Os membros pagam uma taxa mensal que cobre o custo da produção e a mão de obra do agricultor e, em troca, recebem uma quota semanal de alimentos produzidos nas hortas. Para os agricultores, esse sistema oferece a segurança de uma comercialização justa e constante de seus produtos, enquanto os consumidores conseguem produtos de qualidade e com garantia de serem cultivados de forma sustentável e por alguém conhecido e de confiança.

No Brasil, a primeira experiência registrada com o modelo CSA ocorreu em Fortaleza, no final dos anos 1990, com a Associação para o Desenvolvimento da Agropecuária Orgânica (ADAO). Todavia, foi apenas com o início da CSA

Brasil (associação civil que agrega e oferece suporte às iniciativas de CSA em todo o país), em 2011, que o modelo se disseminou para outras regiões do país (DAROLT, 2012; NEVES, 2017). Em Minas Gerais, existe a CSA Nossa Horta, que reúne agricultores e consumidores na região metropolitana de Belo Horizonte desde o ano de 2015, com a missão de aumentar a oferta de alimentos saudáveis e valorizar a agricultura familiar de base agroecológica, ressignificando as relações de produção e consumo (TONINI, 2020).

Como uma iniciativa civil de parceria entre consumidores (denominados coprodutores) e produtores de alimentos, a CSA Nossa Horta se apresenta como uma alternativa ao modelo tradicional de produção e distribuição de alimentos ao propor novas práticas de trabalho e relações interpessoais. Os agricultores podem se dedicar de forma livre à sua produção, uma vez que não sofrem com as pressões do mercado, pois têm garantido o escoamento da produção por um preço justo. Além disso, tanto os riscos quanto os benefícios da produção e distribuição de alimentos são compartilhados entre quem produz e quem consome (TONINI, 2020).

Diante do exposto, este estudo propõe como objetivos investigar o trabalho realizado pela CSA Nossa Horta enquanto associação sem fins lucrativos, que contribui para potencializar a construção de uma rede diferenciada de produção e distribuição de alimentos, bem como analisar as relações nela estabelecidas.

MATERIAL E MÉTODOS

A orientação metodológica utilizada na investigação foi a qualitativa, sendo utilizadas a entrevista semiestruturada e a observação participante como ferramentas para a realização da pesquisa.

As entrevistas foram direcionadas ao núcleo gestor e aos agricultores da CSA Nossa Horta. Desse modo, foi possível conhecer melhor a comunidade para, então, prosseguirmos com as observações. Foram realizadas entrevistas com os quatro membros do núcleo gestor, em que tratamos sobre: a história da CSA Nossa Horta; as motivações, dificuldades e facilidades de construir e fortalecer o grupo; seus princípios e objetivos; os deveres e responsabilidades atribuídos aos membros (tanto consumidores quanto agricultores); sua organização e gestão; como acontece o apoio aos agricultores; e como as relações são estabelecidas e fortalecidas.

As entrevistas aconteceram em momentos diversos, ao longo do primeiro semestre do ano de 2019, conforme a disponibilidade dos entrevistados. Algumas foram feitas pessoalmente (no momento da entrega das cestas ou após a reunião do núcleo gestor, ambas em Belo Horizonte) e outras por telefone. Todas as entrevistas foram gravadas em áudio e transcritas posteriormente. Não estabelecemos prazo de duração para as entrevistas (média de 40 minutos de duração).

Também entrevistamos os três agricultores (que chamaremos de H1, H2 e H3 para preservar o anonimato) apoiados pela CSA Nossa Horta. Foram realizadas duas entrevistas com cada agricultor, momentos que tratamos sobre: a história da horta, os processos de produção e comercialização do alimento e a CSA Nossa Horta. As entrevistas foram realizadas nas hortas de cada agricultor e não foi determinado prazo para sua duração (média de 30 minutos).

As observações *in loco* ocorreram no decorrer do ano de 2019, durante a entrega das cestas aos consumidores, nas reuniões do núcleo gestor (cuja periodicidade é mensal), em

reuniões da comunidade com os agricultores e em visitas às hortas. Assim, a inserção em campo nos permitiu acompanhar a rotina de trabalho da CSA Nossa Horta e dos agricultores, assim como as relações estabelecidas no grupo.

Destacamos que as observações foram registradas num caderno de campo e todas as entrevistas foram gravadas e transcritas (em momento posterior). A anuência dos pesquisados foi formalizada mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e, cientes de que existem determinações legais a serem cumpridas, submetemos a pesquisa ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) – somente após sua aprovação, realizamos a pesquisa de campo.

Finalizada a etapa de campo, usou-se o método hermenêutico-dialético citado por Minayo (2006) e Nava et al. (2018) para analisar os dados obtidos. Para operacionalizar essa proposta, realizamos os seguintes passos: ordenação, classificação e análise final dos dados (TAQUETTE, 2016).

Na ordenação, fizemos um mapeamento de todos os dados levantados no trabalho de campo. Centramos a atenção na leitura e organização do material obtido com as entrevistas e as observações. Na classificação dos dados, realizamos nova leitura do material textual para compreender o conteúdo e identificar pontos semelhantes entre as falas transcritas e as notas de campo. Com isso, conseguimos identificar duas temáticas principais, classificadas nas seguintes categorias: gestão/trabalho e relações interpessoais. Essa classificação está ancorada aos objetivos propostos nesta pesquisa.

Na análise final, estabelecemos articulações entre os dados classificados e a fundamentação teórica, e norteamos a discussão a partir dos objetivos apresentados. Buscou-se, também, compreender o tema em estudo de maneira mais ampla, em que os dados deixaram de ser dos sujeitos pesquisados e passaram a ser do grupo social.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Apresentando a CSA Nossa Horta

A CSA Nossa Horta é uma associação sem fins lucrativos localizada na cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais, que apoia agricultores que estão passando por um processo de transição agroecológica. Dentre suas finalidades, está a de ressignificar as relações de consumo para construir uma verdadeira comunidade entre agricultores e consumidores de alimentos agroecológicos e orgânicos, baseada em práticas de comércio justo e soberania alimentar.

As principais funções administrativas e organizacionais são realizadas por um grupo de coprodutores, denominado núcleo gestor (NG), que conta com o auxílio de uma secretária e um técnico agrícola (também membros da comunidade). Esse núcleo é composto por quatro pessoas, eleitas por votação direta de todos os membros. De fato, conseguimos observar que a gestão da CSA Nossa Horta é feita por iniciativa dos próprios associados, que assumem responsabilidades que perpassam a gestão estratégica, financeira, logística e de comunicação. Sobre essa forma de gestão, percebemos semelhanças ao que Singer (2002) denomina de autogestão.

A autogestão parte do princípio da horizontalização das relações, buscando se distanciar da administração hierárquica e de estimular a cooperação e a solidariedade entre os membros de uma comunidade (BRANCALEONE, 2020; SINGER, 2002). Essa definição foi enfatizada por um dos entrevistados do NG, quando nos disse que “*o que se quer com a CSA Nossa*

Horta é uma relação mais próxima com os agricultores e com os coprodutores, fazendo com que eles participem de maneira ativa nas decisões e nos ajustes necessários à comunidade”.

Visando a diminuir a distância percorrida até consumidor final, a CSA Nossa Horta apoia três agricultores cujas hortas estão localizadas numa distância máxima de 70 quilômetros de Belo Horizonte, nos municípios de Capim Branco, Florestal e Sabará.

O agricultor H1 foi o primeiro a receber o apoio da comunidade. Ele é o único responsável pelo processo de produção na horta, que perpassa desde o preparo do solo até a colheita dos alimentos. Conta com o auxílio da mãe para a montagem das cestas destinadas à CSA Nossa Horta. Observamos que sua produção é diversificada e o plantio é feito de maneira consorciada (em que vários tipos de alimentos, de diferentes tempos de colheita, são plantados no mesmo canteiro). Como característica marcante, observamos que sua horta é a que mais se aproxima de uma agricultura familiar conforme conceitua Caldart et al. (2012) e Schneider e Cassol (2017): aquela em que a família é ao mesmo tempo proprietária dos meios de produção e executora das atividades produtivas.

O agricultor H2 foi o segundo a receber o apoio da comunidade e tem como particularidade a produção de alimentos em meio a linhas de árvores. Farrell e Altieri (2012) denominam esse sistema como sistemas de agrofloresta (SAF): são sistemas sustentáveis que procuram aumentar a produção de forma contínua, combinando a produção de árvores (incluindo frutíferas) com espécies agrícolas na mesma área, utilizando práticas de manejo compatíveis com a cultura da população local. O plantio também é realizado de maneira consorciada.

O agricultor H3 foi o último a ser apoiado pela CSA Nossa Horta. Como característica principal, observamos que sua horta está voltada para a produção de alimentos orgânicos, ou seja, é a única horta da CSA Nossa Horta que apresenta o selo de certificação para orgânicos. Conforme nos relatou, este foi o primeiro projeto de horticultura agroecológica em Minas Gerais a obter essa certificação. Além disso, o agricultor nos informou sobre um novo projeto, cujo objetivo é resgatar o cultivo de sementes crioulas, principalmente de milho e feijão. As sementes possuem origens diversas, desde indígena (de tribos do Mato Grosso) até de outros países (como o México). Para Soglio e Kubo (2017), as variedades de sementes crioulas – que no Brasil incluem as variedades tradicionais e de populações nativas – carregam conhecimentos advindos de erros e acertos, além do compartilhamento entre agricultores, em que os processos de planejamento, plantio, manejo e colheita obedecem à lógica e aos conhecimentos destes.

Percebemos, então, que estes agricultores apresentam algumas especificidades em suas hortas, mas, ainda, compartilham do mesmo ideal: a produção de alimentos saudáveis e em equilíbrio com o meio ambiente mediante o emprego de práticas e técnicas destinadas a otimizar a produtividade em longo prazo.

Considerações sobre o trabalho da CSA Nossa Horta e as relações estabelecidas no grupo

Ao se associar à CSA Nossa Horta, o consumidor passa a ser chamado de coprodutor e seu vínculo se faz através do pagamento de uma mensalidade fixa. Em troca, ele recebe uma cesta semanal com produtos agroecológicos. Dois modelos de cestas são disponibilizados para escolha do coprodutor: a cesta família (com 10 itens) e a cesta individual (com 6 itens). Vale

ressaltar que a variedade dos produtos encontrados nas cestas depende das condições climáticas e da sazonalidade dos cultivos – o que implica no compartilhamento de riscos e benefícios entre quem produz e quem consome, garantindo maior autonomia ao produtor em relação ao processo de produção, ao mesmo tempo em que permite preços mais acessíveis e alimentos mais saudáveis aos consumidores.

Esse compartilhamento de riscos e benefícios foi relatado pelo agricultor H3, quando a produção de sua horta foi comprometida por uma chuva de granizo às vésperas da colheita. Devido a isso, a composição das cestas daquela semana restou prejudicada: o agricultor não conseguiu enviar a quantidade de itens estipulada. Em relação aos coprodutores, ao tomarem ciência do ocorrido, compreenderam a situação sem maiores questionamentos, demonstrando que o compartilhamento dos riscos é praticado por todos.

Para Darolt (2012), essa relação pode ser interpretada como um contrato de economia solidária que se baseia no pré-financiamento total da produção pelos coprodutores, permitindo fornecer um crédito antecipado para os agricultores no fomento à produção – onde os riscos dos agricultores são diminuídos e compartilhados com os coprodutores. Dessa maneira, os agricultores podem se dedicar livremente à sua produção, tendo a garantia de escoamento da mesma e sem sofrer a pressão do mercado e do preço (recebendo uma renda mais estável, justa e segura). Os coprodutores recebem produtos locais de qualidade e sustentáveis, sabendo quem os produz e como são produzidos.

Sobre a entrega das cestas (Figura 01), observamos que os agricultores realizam a colheita dos produtos e a montagem das cestas no dia anterior à entrega. Como eles sabem a quantidade exata do que deve ser colhido, não existe desperdício de alimentos nessa etapa. No dia seguinte, todas as cestas são transportadas das hortas para o ponto de entrega principal da CSA Nossa Horta, localizado no Museu das Minas e do Metal, em Belo Horizonte.

Nesse local, a CSA Nossa Horta conta com o apoio de dois coprodutores voluntários (chamados de apoiadores), que são convidados a participar dessa atividade conforme escala de trabalho divulgada e acordada previamente. Para um dos membros do NG, esta iniciativa é importante “*porque incentiva o sentimento de pertencimento à comunidade, além de ser uma oportunidade para os coprodutores se conhecerem e interagirem*”.

Dentre as atividades realizadas pelos apoiadores, estão o recebimento, a conferência e a distribuição das cestas. Eles também ficam responsáveis por realizar a pesagem do conteúdo de algumas cestas, para controle de qualidade interno. Os alimentos e seus respectivos pesos são anotados numa planilha que é repassada para o NG. O membro do NG responsável pela logística confere esses dados, verificando se a quantidade de alimentos está em conformidade com o acordado entre coprodutores e agricultores.

A maioria das cestas permanece no ponto de entrega principal, enquanto uma parcela é destinada aos pontos secundários (pontos de entrega distribuídos pela cidade com o objetivo de diminuir as distâncias percorridas pelos coprodutores para buscar as cestas) e à entrega em domicílio (feita por meio de carro e bicicleta). Diante disso, conseguimos verificar que a CSA Nossa Horta incentiva os circuitos curtos de comercialização, onde o produto é entregue ao consumidor final sem passar por intermediários ou redes de supermercado. Sobre essa questão, Darolt (2012) e Rover e

Darolt (2021) afirmam que a figura do intermediário representa uma importante fonte de exploração para os agricultores e de apropriação da renda produzida na agricultura. Sua eliminação

significa não apenas expandir as margens da renda econômica, mas também ganhar maior autonomia em relação ao processo produtivo.

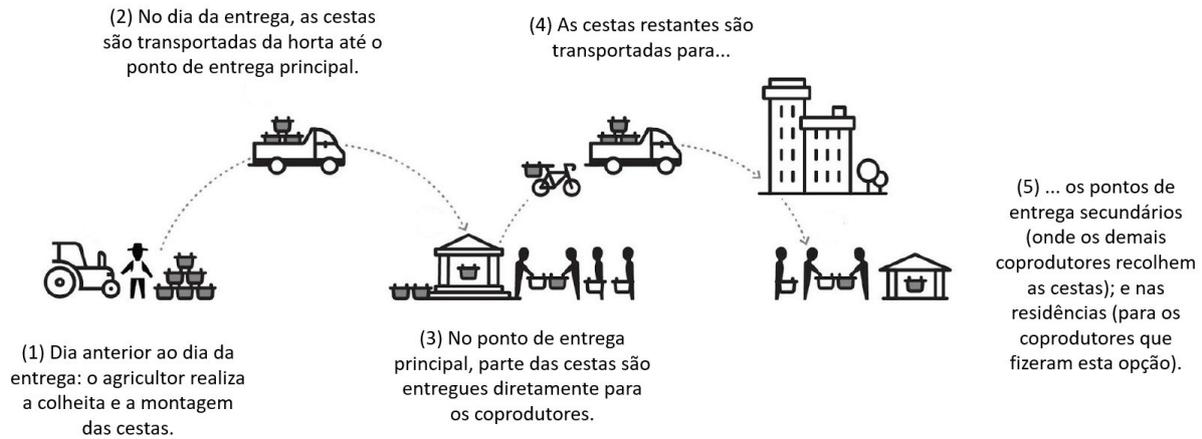


Figura 1. Entrega das cestas pelo CSA Nossa Horta em Belo Horizonte, Minas Gerais (adaptado de NEVES, 2017).

As entrevistas com o NG e com os agricultores da CSA Nossa Horta demonstraram que esses circuitos curtos têm alcançado resultados positivos para a comunidade, dentre os quais podemos citar: aumento da renda para o agricultor; o reconhecimento da qualidade dos alimentos produzidos nas hortas (livres de agrotóxicos e outros fertilizantes químicos); a valorização do trabalho do agricultor; e o fortalecimento das relações de proximidade entre agricultores e consumidores.

Para um dos entrevistados do NG, essas “relações de proximidade, de confiança, são essenciais para o funcionamento da CSA Nossa Horta; é a partir delas que se estabelece uma parceria entre os coprodutores e os agricultores”. Para outro membro do NG, essa “parceria se constitui num dos principais pilares da CSA Nossa Horta”. O agricultor H3 disse que “quando você vai no sacolão, você não sabe quem produziu [...] E aqui não. Aqui, a gente fala assim, literalmente, você reconecta o campo com a cidade”.

A segurança do escoamento da produção também foi um ponto abordado pelos agricultores nesse momento. Para o agricultor H2, “a venda em feiras é muito instável. Então tem vez que vende, tem vez que não vende. A única coisa que dá segurança é a CSA. Então, assim, por isso que é importante esse grupo”. Da mesma forma, o agricultor H1 nos contou que “a CSA pra mim, hoje, é tudo né? É garantia, é segurança, é família. Porque dá uma estabilidade boa”.

Percebemos, com isso, que as relações estabelecidas na CSA Nossa Horta vão além da relação de consumo. O que se busca é uma relação de confiança, que ultrapassa a relação meramente mercadológica. E para que isso ocorra de maneira contínua, a CSA Nossa Horta realiza dois importantes momentos de interação entre seus membros, com o objetivo de fortalecer e solidificar essas relações.

O primeiro diz respeito às assembleias gerais, momento em que coprodutores e agricultores são convidados a participar para debaterem e decidirem sobre assuntos referentes ao financeiro, à organização e outros que se fizerem necessários, enfatizando a ideia de uma gestão mais horizontal. Mothé (2009) considera esse modelo de gestão mais horizontal, em que os membros debatem questões importantes em

assembleias, sem receberem remuneração e sem recorrerem a intermediários, também como autogestão.

O segundo momento é o chamado e o “Mãos a Horta”, evento em que os coprodutores (juntamente com seus familiares e amigos) são convidados a visitar a horta dos agricultores num momento de confraternização e, também, numa oportunidade de conhecer quem produz e aonde/como são produzidos os alimentos. Também é possível realizar algumas atividades na horta, o que permite que os coprodutores entendam as dificuldades dos agricultores no processo de produção, além de esclarecer dúvidas. Para um dos membros do NG: “é um momento importante, pois é quando temos a oportunidade de conhecer o produtor, sua produção, sua horta e como tudo funciona”.

No decorrer do nosso trabalho de campo, conseguimos presenciar esses dois momentos e, devido a isso, constatamos que eles são ferramentas importantes para favorecer a troca de conhecimentos e reforçar as relações interpessoais (criando/reforçando laços de confiança). Além disso, percebemos que esses momentos contribuem para uma reaproximação entre campo e cidade – quando o campo passa a ser visto cada vez menos como um espaço estritamente produtivo, para ser visto também como um local de preservação ambiental, contato com a natureza e valorização de estilos de vida diferentes do característico das cidades. Para o agricultor H3, “são momentos que conectam as pessoas, o campo e a cidade [...] de mostrar que aquele alimento não é só um produto, que tem trabalho por trás dele”.

Outro ponto observado em campo foi que a CSA Nossa Horta preza pela construção e consolidação de um sistema de produção de alimentos saudáveis, equitativo e sustentável, baseado nos princípios agroecológicos. Em vista disso, destaca-se o interesse, principalmente por parte dos agricultores, em buscar outras maneiras de produzir que, conforme destacam Altieri (2012) e Gomes e Assis (2013), não agridam e nem destruam a natureza, valorizem o saber tradicional local e o trabalho do agricultor, e contribuam efetivamente para o bem-estar das populações (tanto do campo quanto da cidade).

Sendo assim, a CSA Nossa Horta criou um programa chamado “Estágios da Horta” com o intuito de incentivar os agricultores a melhorarem suas capacidades produtivas e a qualidade do seu alimento. Este programa, que conta com a supervisão do técnico agrícola, permite que o agricultor aumente seus ganhos financeiros ao atingir metas específicas de produção.

O programa atua como num plano de carreira, em que todos os agricultores iniciam na CSA Nossa Horta no Estágio 1 – fase que estabelece os requisitos mínimos a serem cumpridos pelo agricultor para receber o apoio da comunidade. Mas, na medida em que o agricultor vai aprimorando e adotando novas técnicas de produção e se tornando cada vez mais agroecológico, ele tem a oportunidade de mudar seu estágio de produção, podendo chegar até ao Estágio 3. Os requisitos para cada nível estão demonstrados na Tabela 1.

Vale destacar que a mudança de estágios acontece mediante visitas e avaliações realizadas pelo técnico agrícola, que acompanha a produção nas hortas e a qualidade dos produtos que compõem as cestas. Quando o agricultor atinge os critérios determinados para o estágio seguinte, o técnico elabora um relatório e apresenta para a comunidade em assembleia convocada para este fim, onde a decisão é tomada coletivamente. Para a CSA Nossa Horta, este programa tem contribuído para que os agricultores se adaptem aos princípios agroecológicos, desenvolvendo técnicas para atingir uma produção cada vez mais sustentável. Conforme no relato um dos entrevistados do NG, “o conhecimento construído pelos agricultores ao avançarem no programa é considerado como um capital precioso para a comunidade”.

Tabela 1. Requisitos para cada estágio do programa "Estágios da Horta" do CSA Nossa Horta em Belo Horizonte, Minas Gerais.

Estágio 1	Estágio 2	Estágio 3
<ul style="list-style-type: none"> - Não uso de agrotóxicos; - Utilização de esterco sem contaminantes; - Fazer uso de compostagem; - Realização de testes na água; - Padrão da cesta; - Relação com os outros agricultores da CSA Nossa Horta; - Manutenção de cobertura do solo; - Elaboração (com o apoio do técnico agrícola) do Plano de Manejo Orgânico; - Limpeza das caixas (de transporte dos alimentos); - Disponibilidade da horta para eventos como o Mãos a Horta; - Interação com o entorno. 	<ul style="list-style-type: none"> - Requisitos do Estágio 1; - Uso de defensivos naturais; - Rotação de culturas; - Realização de cursos na área da agroecologia (inclusive por indicação do núcleo gestor); - Limpeza e armazenamento das caixas (de transporte dos alimentos); - Interação com o entorno → apadrinhamento de outros agricultores. 	<ul style="list-style-type: none"> - Requisitos do Estágio 1; - Requisitos do Estágio 2; - Uso de compostagem laminar; - Adubação (uso de biofertilizantes); - Consórcios produtivos e estratificação (manejo agroflorestal); - Uso de sementes e mudas sem tratamento por agrotóxicos; - Uso de substratos para sementeiras sem contaminantes; - Cestas em condições de obter certificação orgânica; - Limpeza e armazenamento das caixas (de transporte dos alimentos); - Interação com o entorno.

No momento, em que realizamos o trabalho de campo, apenas o agricultor H1 estava no Estágio 2. Os agricultores H2 e H3 já tinham alcançado o Estágio 3. Porém, isso não foi um fator impeditivo para eles seguirem buscando novos conhecimentos e novas técnicas sustentáveis para aplicar nas hortas. Conforme nos relatou H2, “a horta é meu laboratório, onde eu testo, onde eu posso errar. [...] É onde a gente experimenta maquinário, ferramenta nova, técnica de plantio, consórcio, espécies, é onde a gente testa isso pra poder reproduzir em outros lugares”.

As três hortas foram planejadas de maneira que atendessem à necessidade de um modelo alternativo à agricultura moderna, baseado na produção de alimentos saudáveis, através da realização de um trabalho igualmente salutar. O não uso de agrotóxicos e de fertilizantes químicos foi o ponto central nas conversas, demonstrando a preocupação desses agricultores não só com a saúde de quem produz e consome os alimentos, mas também com o solo, a água e o próprio alimento. Outro ponto relevante observado foi o aproveitamento do material da própria horta (como podas de árvores do SAF e os próprios alimentos que passaram do ponto da colheita) para fornecer nutrientes para o solo e como atrativo para determinados animais, evitando pragas.

Para mais, verificamos que a cobertura vegetal é utilizada por todos os agricultores para proteger e também para manter

a umidade do solo. Para os agricultores H1 e H2, devido ao uso da cobertura, o solo se mantém úmido por mais tempo, não havendo a necessidade de irrigar os canteiros diariamente. O agricultor H2 nos disse que “*não conseguiria produzir esse tanto de coisa que eu tenho se não tivesse a cobertura do solo*”. De maneira semelhante, o agricultor H3 nos informou que “*mesmo em dias mais quentes, a cobertura permite uma economia em torno de 60% de água destinada para a irrigação*”.

As práticas produtivas se assemelham ao que Gliessman (2005), Gomes e Assis (2013) e Caporal (2020) conceituam como redesenho dos sistemas agrícolas, um nível de transição agroecológica em que o funcionamento das hortas se baseia em um novo conjunto de processos ecológicos, por meio do manejo da biodiversidade e rearranjo do sistema produtivo. Nesse sentido, foi possível identificar uma relação desse nível de transição com os Estágios 2 e 3 do programa “Estágios na Horta”.

Dessa maneira, podemos destacar que o modelo defendido pela CSA Nossa Horta busca não somente implementar um sistema alternativo de relações comerciais entre agricultores e coprodutores (baseado nos circuitos curtos de comercialização), como também de incentivar um modelo de produção fundamentado na agroecologia. Em vista disso, os resultados observados corroboram com Costabeber e Moyano

(2000) quando enfatizam que essa iniciativa oferece um novo olhar para a agricultura, onde passa a ser vista não apenas como espaço de transações econômicas, mas que também viabiliza a construção de um projeto alternativo de desenvolvimento agrícola – contrapondo-se, dessa forma, ao modelo hegemônico de agricultura (baseado principalmente na utilização de insumos industriais e na desvalorização do trabalhador do campo).

CONCLUSÕES

O trabalho realizado pela CSA Nossa Horta preza pela construção e consolidação de um sistema alternativo de produção e comercialização de alimentos, de forma a proporcionar relações mais justas (baseadas em laços de proximidade e confiança), renda real para os produtores e alimentos saudáveis para os coprodutores.

Ao apoiar a produção agroecológica e os circuitos curtos de comercialização, a CSA Nossa Horta contribui para o desenvolvimento de uma nova relação em torno da agricultura – relação essa que se revela ampliada, envolvendo diversos processos: desde o cuidado com o meio ambiente até a entrega dos produtos diretamente ao consumidor final. Em consequência, acaba contribuindo para o fortalecimento das relações de proximidade e solidariedade entre quem produz e quem consome, refutando o modelo de comercialização praticado pela agricultura moderna, em que as relações estabelecidas são puramente mercadológicas e impessoais.

REFERÊNCIAS

- ALTIERI, M. Agroecologia: bases científicas para uma agricultura sustentável. 3ed. São Paulo, Rio de Janeiro: Expressão Popular, AS-PTA, 2012, 400p.
- BRANCALEONE, C. Auto-organização social no mundo do trabalho e produção: notas para uma crítica à economia solidária. *Revista de Sociologia Política*, 19(45): 301-336, 2020. [10.5007/1757984.2020v19n45p301](https://doi.org/10.5007/1757984.2020v19n45p301).
- CALDART, R. S.; PEREIRA, I. B.; ALENTEJANO, P.; FRIGOTTO, G. Dicionário da educação do campo. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venancio, Expressão Popular, 2012. 789p.
- CAPORAL, F. R. Transição Agroecológica e o papel da Extensão Rural. *Extensão Rural*, Santa Maria, 27(3): 7-19, 2020. [10.5902/2318179638420](https://doi.org/10.5902/2318179638420).
- COSTABEBER, J. A.; MOYANO, E. Transição Agroecológica e Ação Social Coletiva. *Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável*, 1(4): 50-60, 2000.
- DAROLT, M. R. Conexões ecológicas: novas relações entre agricultores e consumidores. 1ed. Londrina: IAPAR, 2012. 162p.
- FARREL, J.; ALTIERI, M. Sistemas agroflorestais. In: ALTIERI, Miguel. *Agroecologia: bases científicas para uma agricultura sustentável*. 3. ed. São Paulo, Rio de Janeiro: Expressão Popular, AS-PTA, 2012. p. 281-304.
- GOMES, J. C. C.; ASSIS, W. *Agroecologia: princípios e reflexões conceituais*. Brasília: Embrapa, 2013. (Coleção Transições Agroecológicas, 1). 245p.
- HITCHMAN, J. Agricultura Sustentada pela Comunidade: um modelo que prospera na China. *Revista Agriculturas*, 12(2): 33-38, 2015.
- MELO, A. M.; FREITAS, A. F.; CALBINO, D. Comunidade que Sustenta a Agricultura (CSA): panorama das pesquisas brasileiras. *Revista do Desenvolvimento Regional*, (17)2: 82-99, 2020. [10.26767/1663](https://doi.org/10.26767/1663).
- MINAYO, M. C. S. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 9ed. São Paulo: Editora Hucitec, 2006. 269p.
- MOTHÉ, D. Autogestão. In: CATTANI, A. D.; LAVILLE, J. L.; GAIGER, L. I.; HESPANHA, P. (orgs.). *Dicionário internacional de outra economia*. 1ed. Coimbra: Almedina, p. 26-30.
- NAVA, V. F. R.; VENTURA, C. A. A.; CASUQYE, L. C.; CASTAÑON, A. H. La hermenéutica-dialéctica como método de análisis cualitativo en enfermería. *Brazilian Journal of Forensic Sciences, Medical Law and Bioethics*, 7(2): 123-136, 2018. [10.17063/bjfs7\(2\)y2018123](https://doi.org/10.17063/bjfs7(2)y2018123).
- NEVES, T. L. Design para o sistema alimentar: um estudo comparativo de sistemas produto-serviço para produção, distribuição e comercialização de alimentos. Dissertação, Universidade Estadual de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017, 148f.
- ROVER, O. J.; DAROLT, M. R. Circuitos curtos de comercialização como inovação social que valoriza a agricultura familiar agroecológica. In: DAROLT, M. R.; ROVER, O. J. (Orgs). *Circuitos curtos de comercialização, agroecologia e inovação social*. Florianópolis: Estúdio Sempelo, 2021, p.19-43.
- SCHNEIDER, S.; CASSOL, A. Diversidade e heterogeneidade da agricultura familiar no Brasil e implicações para políticas públicas. In: DELGADO, G. C.; BERGAMASCO, S. M. P. P. (Orgs). *Agricultura familiar brasileira: desafios e perspectivas de futuro*. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2017. P.84-109.
- SINGER, P. *Introdução à economia solidária* 1 ed. São Paulo: Editora Perseu Abramo, 2002. 127p.
- SOGLIO, F.; KUBO, R. R. (Orgs.). *Desenvolvimento, agricultura e sustentabilidade*. 1 ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016. 206p.
- TAQUETTE, S. Análise de dados de pesquisa qualitativa em saúde. *Atas – Investigação Qualitativa em Saúde*, (2)1: 524-533, 2016.
- TONINI, A. A construção do conhecimento agroecológico: os processos de trabalho dos agricultores da CSA Nossa Horta. Dissertação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020, 153p.